

a Terra livre

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE.
GOTHE

ANNO I

SÃO PAULO (BRASIL) — QUARTA FEIRA, 7 DE FEVEREIRO DE 1906

NÚMERO 3

EXPEDINETE

A TERRA LIVRE, que se publica por SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, aceita também assinaturas nas seguintes condições:

Serie de 25 números . 4\$000
« « 12 « . 2\$000
« « 6 « . 1\$000

Os nomes ou pseudônimos dos subscritores voluntarios serão publicados no lugar competente; mas não assim os dos assinantes, a quem o administrador passará recibo, publicando só as importâncias recebidas. Administrador é o camarada EDGARD LEUENROTH; mas para evitar perdas de tempo, a correspondência deve ser enviada a *Neno Vasco* — Rua Santa Cruz da Figueira, 1 — São Paulo.

Áquelles que desejem continuar lendo a *Terra livre* pedimos que o façam saber quanto antes a esta redacção. Os agentes devem comunicar o número de exemplares de que precisam. Necessitamos regular a nossa tiragem.

Pedimos aos assinantes que satisfaçam sem demora a importância das suas assinaturas, para o bom andamento da nossa administração.

Partido operario?

Trata um grupo de trabalhadores, graficos sobretudo, de fundar um «partido operario» em S. Paulo.

Não sabemos ainda qual seja o seu programa por completo ou mesmo se o terá... Mas sabemos que adoptará a tactica eleitoral e desconfiamos bem que seja simplesmente um grupo todo consagrado ás intrigas eleicoeiras, trazendo a discordia para o movimento operario, estorvando a constituição natural e gradual do verdadeiro partido do trabalho.

Porque evidentemente o nome de «partido operario» é usurpado e abusivo. Só pôde haver um partido operario: aquelle que possa admitir em seu seio todos os operarios e só os operarios, baseando-se sobre os interesses comuns a todos e por todos compreendidos ou sentidos. Para isso é preciso achar-lhe um solido terreno de acordo. A base do acordo não pôde achar-se nos interesses e ideaes indecisos, contraditorios e pouco comprehensíveis da politica e da religião. E' um facto que o acordo não existe nesses pontos, nem teria uma base segura sobre que assentar-se.

A politica parlamentar, por exemplo, divide os operarios, que de politica se occupam, em duas fracções bem distintas: a dos partidarios e a dos inimigos da acção eleitoral e parlamentar. E entre os primeiros produz ainda rivalidades de partido, de candidatos, de pessoas, as mesquinhas intrigas que formigam na feira eleitoral.

Um partido politico não é exclusivamente operario. Embora se proclame fundado sobre a luta de classes, admite em seu seio aspirações, tendencias e habitos mais ou menos estranhos á vida operaria, e que podem ser legitimos e legitimamente integrados nas reivindicações do partido, mas que podem igualmente adquirir uma perigosa preponderancia. E neste sentido, o parlamentarismo é muito capaz — os factos ensinam — de canalizar ferteis movimentos pelas vias escuras e tortuosas das ambições pessoais...

A unica base de acordo existente e possivel para o «partido operario» são os interesses economicos comuns a todos os trabalhadores. Só elles são susceptiveis de agrupar, de solidarizar os operarios que lutam pela sua emancipa-

ção, os activos, os conscientes. Muito mais facilmente do que quaesquer principios politicos — monarchicos, republicanos ou anarchicos — elles podem chamar á acção, ao movimento, os elementos inactivos e indifferentes, que não comprehendem os ideaes politicos ou que não dariam um passo por uma tactica determinada.

Certamente, o verdadeiro partido operario não baniria da sua actividade a *luta politica*: baniria unicamente as tacticas politicas que dividem o proletariado, devolvendo-as aos respectivos partidos, pelos quaes os operarios se acham repartidos, em companhia mais ou menos uenrosa de burgueses, semi-burgueses, literatos e idealistas...

Faria como em religião. Embora inconfessional em materia religiosa, não deixaria por isso de combater os padres, colocados ao lado dos patrões ou fundadores de associações operarias destinadas a desorganizar o proletariado e a embarçar a sua marcha. Do mesmo modo, embora neutral em politica, não deixaria de lutar, no terreno em que todos estão de acordo, contra as arbitrariedades governamentais e policiecas, contra a intervenção da autoridade politica nas greves, nos conflictos entre o capital e o trabalho, contra a violação dos direitos de associação, de reunião, de palavra.

Esse partido elabora-se lenta mas seguramente: os operarios constituem sindicatos profissionaes ou de industria, os sindicatos agrupam-se em federações, a federações reúnem-se numa confederação, limitando-se primeiro a um país, para mais tarde se ligar com as outras, internacionalmente.

E' um grande e solido partido, com base firme, formando-se de baixo para cima, do simples para o composto. Não ha comités directivos, não ha cabeças — facilmente decapitaveis. Autonomia do individuo dentro do sindicato, do sindicato dentro da federação, da federação dentro da confederação. A liberdade na unidade. E' um organismo vivo em todas as suas partes, um oceano agitado em todas as suas vagas. Faz-se um apello a todas as energias; pela propaganda e pela acção, faz-se a educação mutua no sentido de evitar que os individuos possam admitir chefes e depositar nelles a sua confiança, a sua iniciativa, ficando desorientados quando esses chefes são empolgados pelo adversario.

Tal é o «partido do trabalho» que se elabora e que é já forte em França, onde toma forma na Confederação Geral do Trabalho.

E citamos intencionalmente o salutar exemplo da França revolucionaria, não só por ser ali que esta ideia está mais perto da sua integral realização, não só por querermos chamar a atenção dos leitores para o artigo que publicaremos no proximo numero, na serie *O sindicalismo em França* — no qual damos a palavra a alguns entre os mais activos operarios franceses, militantes na Confederação e redactores do organ *La Voix du Peuple*, — mas sobretudo em razão dos factos retumbantes que puseram ultimamente em foco as organizações operarias daquelle país: a expulsão da Confederação do edificio da Bolsa de Paris e o encerramento de outras — por obra das municipalidades; o processo dos antimilitaristas, etc. O poder politico, temeroso da crescente agitação operaria, julgou atirar golpes á cabeça... que não existia. Não fez senão pôr em effervescencia todo o operariado militante, contribuindo para a maior vitalidade da organização e fazendo redobrar dum modo admiravel a propaganda e a agitação

contra o militarismo e a guerra, e a favor das 8 horas (6 em alguns pontos).

O estado de espirito dum verdadeiro partido operario — partido de classe economicamente organizado, alheio ás divisões politicas — encontrou-se ainda na actual revolução russa. Assim nos informa *La Tribune Russe*, redigida por um socialista revolucionario russo em Paris. E' a attitude logica, o procedimento dos momentos decisivos.

Fortemente estribados na prova indetritivel dos factos, da experiencia social, esperamos não prègar inteiramente em vão. Muito tempo se ganharia se o proletariado do Brasil, aproveitando o exemplo de fóra, evitasse os escolhos em que bateu o operariado dos outros países.

Muito resta para dizer sobre o pretendido «partido operario» e sobre o graciosamente manifesto eleitoral de «muitos operarios eleitores» — ao qual, aliás, por ser de *muitos*, já bastaria talvez o seu venereavel fiasco... Mas temos que deixar isso para o proximo numero.

Fundação do sindicato

Muitas vezes os trabalhadores se acham embaraçados tratando de fundar uma sociedade de resistencia. E no entanto nada mais simples.

O grupo, que tomou a iniciativa da constituição do sindicato, reúne-se e encarrega um individuo ou uma comissão de elaborar um projecto de estatutos, de pacto associativo, que será depois discutido em assembleia geral, após convite dirigido a todos os operarios que se procura agremiar.

Esse pacto social deve ser o mais resumido possivel, despido de vãos formalismos e de estorvos á acção sindical. Em todos os seus actos, o sindicato deve abolir as formalidades inuteis, simplificando tudo. Quem quer agir depressa e muito, constantemente, veste pouca roupa e foge ás... camisas de força; quem emprehe uma viagem longa, para caminhar ligeiro leva bagagem leve. Em França uma activa organização de camponeses, gente pratica e pouco formalista, tem uns estatutos com 9 artigos.

Em geral, o pacto social deve estatuir apenas estes pontos:

1.º — Os fins do sindicato, que a nosso ver devem ser: a) immediatos, o melhoramento das condições presentes, a propaganda associativa, a educação; b) a emancipação integral do trabalhador.

2.º — A não participação do sindicato na luta dum partido politico.

3.º — A não admissão de patrões e pelo menos a exclusão da administração dos que têm compromissos com os patrões, sendo seus empregados de confiança, como os contramestres; exclusão rigorosa, igualmente, de politicos profissionaes. Só poderão fazer parte do sindicato os salarizados em quanto exercem o seu officio, salvo o caso de desocupação forçada.

4.º — Porta fechada aos funcionarios pagos. Quando o socio perde horas de trabalho em serviço do sindicato, deve receber como indenização unicamente o que ganharia em média exercendo o seu officio; mas isto apenas quando e em quanto o serviço do sindicato é incompativel com o exercicio da profissão. Este ponto é importante, e a elle voltaremos em artigo especial.

5.º — Uma administração reduzida á sua mais simples expressão: um secretario (ou mais, se o exigir o serviço) e um tesoureiro; quando muito alguns conselheiros e revisores de contas. Estas funções são puramente administrativas, e não directivas; trata-se dum serviço, dum trabalho a executar segundo um encargo dado e aceito e escrupulosamente cumprido. Estes funcionarios não mandam mas trabalham; não impõem ideias ou vontades proprias, mas executam resoluções tomadas.

Devem ser substituidos com frequencia, não só porque estas funções são um encargo e não uma honra ou um privilegio, mas também porque contribuem para a educação dos operarios.

A estes pontos podem juntar-se outros que variam segundo as circunstancias: instituição de biblioteca, de escolas profissionaes, de obras de propaganda, etc.

ATENÇÃO!

O proximo numero da Terra livre sairá no dia 17 do corrente. Pedimos aos nossos correspondentes que enviem as suas correspondencias, pelo menos até ao dia 13.

Inimigos de si... e de todos

Parece incrível, mas ha trabalhadores que causam compaixão e ira ao mesmo tempo, vacilando tanto e reagindo mesmo para entrar na luta contra a actual organização social, para conquistar os seus direitos tão sem razão arrebatados pelos assambarcadores do Capital, da sciencia e de tudo o que produzimos.

Operarios ha, que embora sintam sede de justiça, sofram miserias sem fim e vexames a granel, fazem caso omisso da questão social, jazem na mais censuravel apatia e criminosa indifferença, e ainda se atrevem a falar mal dos companheiros que se sacrificam grandemente por libertar-se e libertar a todos da infamante escravidão a que todos os proletarios — uns mais outros menos — estamos submetidos.

Sentem, como sentimos nós — mas não com a mesma vehemencia — a imperiosa necessidade de libertar-se, de nutrir-se melhor, de instruir-se, numa palavra, de viver a vida verdadeira, sem inquietações, alegre, satisfeita; vêem que estão um dia, outro e toda a vida trabalhando como bestas durante dez, onze, 12 e até 15 horas por dia, numa oficina sem ar, sem luz, sem espaço e sob o olhar inquisidor do patrão ou dum assalariado qualquer, mais bem retribuido pelo burguês para que faça o triste papel de espia de seus proprios companheiros e seja um traidor para estes; que depois, quando chegam do trabalho tão penoso, nas pocilgas em que vegetam, em vez de achar um consolo perto de sua companheira e filhos, vêem pelo contrario aquella definhada, suja, esfarrapada, descalça... e os filhos nas mesmas condições, brincando em volta da tuberculose e condenados — como os pais — á ignorancia e a serem burros de carga da repulsiva e odiosa burguesia; que depois de engulirem um *mechido* qualquer, feito com generos deteriorados e quasi sempre insufficiente, vão *descansar* o corpo num catre que bem se pode dizer que é outro suplicio, porque está como tudo, sujo, duro, e cheio de parasitas bem conhecidos dos trabalhadores; que vivem sempre sobresaltados pela incerteza sobre se terão que comer no dia de amanhã; que sendo os produtores de tudo, de tudo carecem: alimentação suficiente, vestuario, higiene, alegria...

E não obstante, ha trabalhadores que sofrem tudo isso e são mais reaccionarios que a propria burguesia, porque se esta não quer deixar de boa vontade os seus privilegios extorquidos aos trabalhadores, é porque elles fazem de cada burguês um Deus, e porque o omnipotente Deus que rege com seu poder este pequeno mundículo que habitamos, é o Deus dinheiro e mais nada: até o Deus de que nos fala a biblia, já ha muito que foi destronado e expulso do planeta Terra povesse outro Deus metálico que reside todo poderoso em cada um e em todos os burgueses. E é por isto que se explica a tenaz resistencia da burguesia. Mas quanto ao trabalhador que não tem nada a perder e tudo a ganhar, que vê os filhos nus, crescerem na ignorancia, sofrerem fome e que, quando pedem pão, procura destrá-los ou os maltrata para que *esqueçam a fome!* é inexplicavel e incomprehensivel tão criminoso proceder: eu tenho visto crianças pedirem pão a seus pais, e estes em vez de arranjar-o de qualquer forma e calmar-lhes com elle a necessidade altamente imperiosa de nutrir-se, pega-

rem n'um violão e tocar-lhes e cantar-lhes... e outros ainda, bater nos filhos quando estes pedem alimento.

E quem é capaz de fazer o que deixo dito, também na fabrica, na oficina e em todas as partes, é um vil espião dos seus companheiros de trabalho para depois ir delata-los ao patrão, adulando-o e tornando-se assim o nosso mais encarniçado inimigo, que obra sempre a favor do burguês.

Apesar de este lhe roubar o fruto do seu trabalho, o bem-estar e a hombridade, inda vai como o cão, lambe as mãos que o fustigam e delatar aqueles que lutam pela liberdade própria e dos outros, para que todos tenham que comer. Bem aventurados os mansos borregos, porque d'elles fará a burguesia instrumentos vis para saciar em tudo seu ladrazo apetite.

Mas não importa; aos que não querem lutar pela emancipação de si mesmos e de todos os oprimidos, aos que tão cobardemente procedem, lembramos-lhes que o mundo marcha e marchará sempre, apesar do seu reaccionarismo selvagem, e que serão varridos pelo furacão da revolução social que se aproxima, se a ella se opuserem.

Campinas — 9 — 1 — 906.

FRANCISCO RIOS

Pró "Terra livre,"

A proposta do amigo A. C. começa a dar resultados. O camarada que possa dispor todos os dias dum jornal quotidiano comunica-lo-á á nossa redacção, e aquelle que o desejar assinar, pagará a assinatura delle á *Terra livre*, recebendo-o do camarada doador, que o enviará logo que o tiver lido.

A assinatura do quotidiano póde ser paga por anno, por semestre ou por trimestre, ou ainda de qualquer outro modo, mesmo com abatimento — que é justo.

Cremos que esta combinação convirá principalmente aos que residem no interior, podendo assinar, com uma redução de preço justificada pelo pequeno atraso do jornal; ao passo que é facil aos que residem nas capitales obterem facilmente um diario.

A disposição dos leitores, temos, além de alguns jornaes de S. Paulo, a *Gazeta de Noticias* e o *Jornal do Brasil* do Rio, o *Mundo*, de Lisboa e o *Norte*, do Porto.

O TRABALHO

II

Temos ainda o trabalho que produz, o trabalho que não produz, o trabalho que produz o bem e o trabalho que produz o mal.

Neste caso só tratarei do trabalho humano ou feito pela especie humana.

O trabalho que produz é o esforço maior ou menor feito pelo homem para extrair da natureza e da sciencia o que pode aproveitar para determinados fins.

O trabalho que não produz é o esforço de uma porção de homens empregados em certos ramos de actividade que nada produzem, mas ordenam, fomentam e effectuam uma ordem de leis e coisas na sua quasi totalidade antisociaes, degenerativas, corruptoras e destruidoras do que melhor existe.

Neste rol entram os clérigos, os militares, os policiaes, os comerciantes, os empregados e governadores nas administrações publicas e particulares, as autoridades, os officiaes de justiça, os secretos e outros innumerados cargos que julgo dispensavel mencionar.

O trabalho que produz o bem, é o esforço feito pelo homem para produzir tudo quanto é util e benefico para todos, procurando a manutenção de tudo quanto de bom existe, aproveitando as forças da natureza, estudando e descobrindo o que ainda ignoramos, transformando a má ordem em outra ordem positiva e justa.

O trabalho que produz o mal, é também o esforço do homem que com o seu trabalho produz coisas e objectos prejudiciaes a si mesmo e aos outros: destas cousas e objectos destacam-se entre outros, os que arrasam, os que aniquilam, os que destroçam, como os navios de guerra, os canhões enfim, toda a qualidade de armamento belico; o que fabrica certas materias ou drogas com o fim de fazer o mal a outrem etc.

E' necessario portanto, que dessas quatro partes do trabalho, três sejam abolidas por imprestaveis e prejudiciaes ao homem, ficando unicamente a parte de trabalho que produz o bem, essa mesmo bem applicada com metodo favoravel para todos e de cada um conforme as suas applicações, para que se estabeleça igualmente a verdadeira vida entre os seres humanos, tal como a sciencia social nos ensina.

O trabalho é hoje distribuido de uma forma tão absurda que causa immensamente a degeneração ou selecção descendente em todas as classes sociaes, especialmente nos extremos da riqueza e da miseria, onde os abarrotados de riqueza morrem de inacção e os despojados da propriedade morrem de excesso de trabalho ou de miseria, por falta de occupação que hoje se nega a grande parte do operariado, impedindo-o de produzir para si e para os outros.

A causa destes efeitos é um meio que empregam os capitalistas para regular a produção de forma que se mantenha num preço elevado do qual possam tirar o maior lucro possivel e para refrear as reclamações do trabalhador, substituindo por desocupados os que reclamam seus direitos, tendo aquelles quasi sempre a seu lado quando estes pretendem ou mantêm os seus direitos e dignidade, declarando-se em greve ou revoltando-se.

Evitam assim as classes abastadas que as classes desprotegidas e miseradas apressam a sua emancipação, conservando-as no mesmo ou peor ostracismo e obscurantismo, perpetuando a miseria, a servidão, a escravidão e humilhação que até hoje os tem reduzidos á mais ignominiosa vegetação.

Hoje os capitalistas para absorver maiores lucros e manter mais firme o latrocinio, substituem os homens pelas maquinas, e por mulheres e crianças, porque são mais submissas, sujeitam-se a salarios exiguos e são mais adaptaveis ao roubo e exploração, não se atrevendo a protestar contra a iniqua usurpação e castigo que brutalmente se lhes applica.

Este sistema é também muito favoravel ao capitalista porque em quanto a criança trabalha na oficina ou no campo não poderá instruir-se e nunca sairá do torpor que desde a infancia a traz abatida no sofrimento e na ignorancia...

Os operarios são transportados de uma parte a outra como animaes, sendo iludidos por uma turba de negociantes de carne humana, enviados pelos capitalistas afim de contratar mais escravos que venham substituir no trabalho aos que fugiram por não poderem suportar os maus tratos dos mandões, por não poderem mais resistir á misera vida a que os sujeitam e porque a seu trabalho é remunerado com chicotadas ou tiros da *capangagem* do capitalista, que paga a uns tantos homens somente para espancarem ou matarem quem se atreve a reclamar o salario que se lhe deve.

LIBERTARIO

PROPAGANDA POPULAR

Os camaradas que desejarem distribuir gratuitamente o folheto «Porque Somos Anarquistas», podem obter nesta redacção 1 pacote de 50 exemplares por 500 reis. Todos os pedidos, até total esgotamento da edição, serão satisfeitos, embora não acompanhados da respectiva importancia

Carta de Europa

Carissimo...

Interrogas-me sobre o que penso do movimento em França, Italia, Russia, etc. Não te parece que, tratando-se dum argumento tão vasto, não basta uma carta ou duas? Em todo caso, resumindo o mais possivel, direi que, em França e em Italia a fatigante marcha do proletariado para a sua emancipação, como afinal nos outros países, prosegue, na minha opinião, satisfactoriamente.

Em França, as organizações operarias orientam-se cada vez mais em sentido revolucionario, e os politicantes perdem cada vez mais terreno no meio dos trabalhadores, e conquistam-no os nossos camaradas, propagandistas da acção directa.

Em Italia, as discordias do partido socialista democratico trouxeram um grande confusionalismo; mas ao mesmo tempo provocaram um certo despertar, e a tendencia para o sindicalismo. Esta tendencia, que surgiu sob a influencia e pelo exemplo dos sindicatos francezes, está ainda no estado de gestação; mas espero que pouco a pouco se precisará e dará como resultado que as organizações proletarias se libertarão da tutela dos socialistas parlamentares, tão nefasta á causa do proletariado.

Outra optima agitação vai sacudindo a parte mais consciente do proletariado francès, italiano, belga, suiço, germanico, etc.; é a do antimilitarismo.

E' em Italia e em França que ella mais vigorosamente se manifesta; e a burguesia dos dois países está assustada com isso, tendo já começado a perseguição. Sucedem-se as prisões, os processos, as condemnações. Já deves saber que a 30 de dezembro foram condenados em Paris os sinarios do manifesto antimilitarista, menos Cipriani e a professora Numiestka, — 26 em 28. O processo fez uma propaganda enorme, que continuará ainda mais extensa e mais intensa depois da condemnação.

Certamente, ainda não estamos perto, infelizmente, do momento de dar o golpe de misericórdia á sociedade capitalista; é, porém, um facto que caminhamos para o grande acontecimento.

Quanto á Russia, é facil consignar que a grande nação se acha num dos periodos de transformação politica que estava destinada a sofrer e que a guerra veio precipitar. Tudo está em ver até que ponto se dará tal transformação e se ella tocará também (como me parece) no estado economico.

Seria arriscado fazer previsões, mas em todo caso creio que uma grande mudança se realizará; e se for substancial, ha de ter uma grande repercussão no resto da Europa. Esperemos.

Paris...

F. VEZZANI

Pró Russia livre

Diz um telegramma de Roma que o jornal socialista *Avanti!* propôs que os operarios italianos destinassem o salario do dia 22 de janeiro — anniversario da sangrenta jornada de Petersburgo — a auxiliar os que na Russia tão heroicamente lutam pela liberdade.

CAMARADAS! Imitemos no Brasil esta iniciativa. Dai o salario dum dia ou dai aquillo que estiver nas vossas forças. Já que d'outro modo não podemos contribuir para o triunfo, necessario á humanidade, da revolução russa, mandemos dinheiro, que na presente conjuntura tem um grande valor. Forneçamos munições, já que não o nosso braço!

Alguns companheiros russos aqui residentes receberam de Londres, dum grupo de socialistas revolucionarios russos, um apello, que nos é comunicado, pedindo-nos que angariemos donativos em favor dos nossos irmãos da Russia. Não permitamos que seja vão!

Trabalhadores!

O despotismo recorre aos banqueiros internacionais para que lhe forneçam os

meios de esmagar as reivindicações do proletariado russo — que são as nossas. Pois bem! Oponhamos ao internacionalismo dos despotas e dos bandidos o internacionalismo, a solidariedade universal dos oprimidos e explorados!

O emprestimo que os revolucionarios russos lançam sobre nós, por todo o mundo, — emprestimo que elles já estão pagando, com o esforço heroico e sangrento, em liberdades que serão patrimonio da humanidade — devemos cobri-lo com entusiasmo, mostrando que, se a nossa bolsa é magra, a nossa solidariedade é enorme.

Abrimos uma subscrição cuja importancia irá sendo gradualmente enviada ao conhecido e querido camarada Pedro Kropotkine.

Viva a Russia livre!

Viva a Revolução!

Subscrição Pró Russia livre

Transporte	10\$000
Orellanas	5\$000
Romero	1\$000
Telles	1\$000
M. Teixeira Pinto	1\$000
F. Rios (Campinas)	1\$400
Nascimento	\$500
Rafael Botelho	\$500
Colhido por O. Ristori em Votorantim	17\$100
De Luca (Botucatu)	\$500
Santini (Id.)	2\$000
Baptista	1\$000
L. Scarmagnan (Araraquara)	1\$000

Total 42\$000

A' IMPRENSA

Com franqueza: esperavamos ver mais bem acolhida a nossa iniciativa, tantos são os jornaes, grandes e pequenos, que mostram a sua simpatia pela revolução russa. Esperamos que tenha sido simples esquecimento.

O sindicalismo em França

REFORMAS LEGAES E MELHORAMENTOS

Em Ruão, o cidadão Jaurès gabou nos *Conselhos do Trabalho*, essa máquina de guerra inventada contra os sindicatos por Millerand. Como argumento em favor delles, objectou Jaurès que são admitidos pela social-democracia alemã e que os deputados socialistas no Reichstag depuseram um projecto de lei instituindo-os.

Esse argumento comparativo póde talvez ter valor para alguns; para nós, não tem nenhum. Julgamos os conselhos de trabalho segundo a sua função, que consiste em substituirem os sindicatos. Se na Alemanha, onde os sindicatos se preoccupam excessivamente, a nosso ver, de mutualidade, a social-democracia sonha Conselhos do Trabalho, não será isso que nos fará mudar de opinião quanto a essa instituição de desorganização sindical.

Este exemplo mostra como, apesar dos louvores que nos dirigiu o cidadão Jaurès, estamos ainda longe de nos entendermos.

Nós tendemos a constituir, no seio da sociedade capitalista, os nucleos de reorganização comunista da futura sociedade. Ora isso só se póde fazer em detrimento do Estado burguês; portanto, toda instituição que o consolida e o reforça vai contra o fim que temos em vista. E' o caso dos conselhos do trabalho, — e também do projecto de *arbitragem obrigatoria*, retomado por Colliard, depois de Millerand.

Depois, continuando, Jaurès (portavoz autorizado da fracção socialista reunida em Ruão) reconhece que os trabalhadores *fundaram uma Confederação do Trabalho que agiu, que obteve resultados...*

Retenhamos a confissão! E' o melhor desmentido a certos difamadores que andam latindo o contrário. Em todo caso, indica-nos isso que estamos longe da epoca (em plena efervescencia da campanha contra as agencias de colocação) em que se chocavam boatos malevolos contra a Confederação

Ajuntemos que Jaurès nada de novo nos ensina quando nos diz que também nós havemos de verificar

...Que a revolução social, por qualquer ponta que a tomem, quer seja pelo lado economico, quer seja pelo lado politico, é uma obra rude, dura longa, lenta, que exige um esforço incessante...

Já o sabiamos! E é justamente por isso que procuramos desinvolvar a iniciativa dos trabalhadores, que apellamos para a sua acção directa, para a sua força consciente. E também sabiamos que essa obra exige... que os parlamentares não se intrometam na nossa tarefa.

Não ha, entre nós e elles, «dissentimentos apparentes, mas unidade profunda...» Não! o contrário seria mais exacto: «unidade aparente, dissentimentos profundos...» E Jaurès o indica ao acrescentar que, como elle, cremos na possibilidade de reformas na actual sociedade.

Com efeito, combatemos por melhoramentos parciaes, e foi justamente desde que os sindicatos batalharam vigorosamente por melhoramentos que elles se fortaleceram. Até então, graças á teoria illusoria (quando absoluta) chamada «lei de bronze dos salarios», deixára-se supor á classe operaria que, na sociedade actual, o seu mal só podia ir peorando até ao dia do cataclismo final. Fomos nós que nos elevámos contra esses exageros; fomos nós que demonstrámos que havia possibilidade de executar contra o capitalismo uma especie de expropriação parcial dos seus privilegios,—o que constitue melhoramentos de pormenor,—e permite lutar com mais vigor pela expropriação geral.

E' no mesmo sentido que Jaurès comprehende as «reformas»?...

JOÃO LATAPIE

Ecos das fazendas

Companheiros...

Contai em *Terra livre* como aqui somos maltratados diariamente por estes ferozes patrões, que mostram o seu contentamento pelo nosso trabalho, prometendo espancar-nos, tratando-nos mal e pagando-nos peor.

Não podemos visitar-nos uns aos outros, porque quando nos vêm em grupo de dois ou três, parece-lhes que queremos fugir da fazenda; e por isso somos seguidos de dia e de noite pelos capangas.

A vida que passamos nas fazendas é trabalhar desde as quatro da madrugada até ás sete ou mais da noite.

Quando são as 4 da m., toca a sineta, e se não vamos depressa, começam ás pancadas na porta com o cabo do chicote.

A fazenda onde estamos corresponde ao nome de Guatapará; o dono que conhecemos é um assassino que governa em nome do fazendeiro, é o administrador José Sartori, o unico homem de quem posso afirmar com segurança que é um grande canalha.

Nesta fazenda, somos tratados peor do que antigamente na Espanha os martyres da Inquisição.

Não têm compaixão de nossos filhos nus e mortos de fome, nem de nossas mulheres, não acostumadas a estes trabalhos, não querendo vê-las em casa e não se importando que as crianças morram por falta de cuidados.

Quanto ao consul espanhol, não querará decerto saber de seus compatriotas.

O tronco e o chicote continuam a funcionar; a escravidão vigora sempre.

Guatapará, 22 — 1 — 906.

A. B.

“Aurora,”

Sempre pelos mesmos motivos, foi ainda adiado o aparecimento do num. 11-12 da revista *Aurora*.

Serão envidados todos os esforços para que, quanto antes, os leitores da revista sejam satisfeitos.

Do Brasil proletario

SANTOS

PRÓ DOMINGUES DIAS

Para auxiliar o operario Domingos Dias, que se acha encarcerado na bastilha d'aqui, alguns operarios conscientes realizaram em a noite de 24 de janeiro, no salão da Internacional U. dos Operarios uma preleção.

A concorrência foi diminuta, patenteando claramente que o proletariado é alheio inteiramente aos sofrimentos dos outros.

A sessão foi aberta pelo sr. J. Rocha, secretariado por S. Antunha e S. Soler, dando a palavra ao companheiro P. R. Soares, que historiando a luta operaria de Santos desde a fundação das sociedades de resistencia até aos ultimos sucessos passados com a ultima greve acabou por pedir a solidariedade do operariado santista em favor do infeliz D. Dias e sua familia que se acha em situação precaria.

Foram distribuidas listas para angariar auxilios pecuniarios entre as classes trabalhadoras.

ANDRAJOSO.

Santos, 25-1-906

+++

SOROCABA

Continuamos aqui activamente a nossa propaganda. A *Terra livre* agradou entre os trabalhadores, e a iniciativa da subscrição pró-Russia livre foi bem acolhida. Brevemente irá a nossa parte.

Orestes Ristori esteve nesta cidade no dia 21 e em Votorantim deu uma conferencia que, apesar do tempo chuvoso, foi bastante concorrida. As nossas ideias foram bem aceitas, dando este facto esperanças de que comece aqui o despertar do operariado, até hoje mergulhado no mais fundo e lamentavel letargo.

Faz verdadeiramente pena tanta indiferença ao lado de tanta exploração e tirania, como as que sofrem os operarios de aqui.

No Votorantim estão cercado a fábrica afim de impedir as comunicações frequentes entre os operarios que ali estão e os de fóra!

A especulação mercantil, fundada por poucos habilitados com o nome de cooperativa, está funcionando maravilhosamente... em prejuizo dos trabalhadores.

A. E.

NOTICIAS DO PARANÁ

Desertaram cinco musicos do regimento de segurança por causa do excessivo serviço e dos maus tratos: demais, é bom fazer notorio que ha muitos meses que não recebem — os musicos — a percentagem que lhes pertence por haverem tocado em bailes, teatros, etc. Com o anno novo depois, obrigaram-nos a vestir a farda mesmo nas horas em que não estão de serviço.

E' bom que isto se saiba para que não venham de S. Paulo, operarios iludidos com grandes promessas de ganhos e garantias.

E' bom também que se saiba, em S. Paulo, que os operarios que trabalham nas obras do esgoto ganham uma paga irrisoria e que são depennados num armazem «economat» da Companhia, de uma forma excessivamente rapace.

Tendo ahí ido engenheiros recrutar trabalhadores que a *Terra livre* põha estes de sobreaviso.

A politica do estado, tecendo o perfeito amor com o partido oposicionista, anda, burguesmente falando, mui regular.

Tivemos já as eleições estadoaes e agora vamos ter as federaes. Nas primeiras, o governo deu á opposição 500 votos de presente.

Foi um «furo» para não deixar subir candidatos oposicionistas mal aceitos em palacio. De maneira que os menos votados foram os mais votados. A politica é sempre a mesma. Fraude e chantage, quando se exclue a violencia descarada. E o povo? O povo vota, dando vivas á nova lei eleitoral que, dizem, foi feita propositadamente contra as oligarquias e para restabelecer a pureza do sufragio universal... E para prova dos bons resultados da tal reforma e do seu valor politico, as oligarquias se permitem presentear a opposição com 500 votos, continuando a ganhar por uma maioria estrondosa.

Devia ser reeleito Senador Monsenhor Alberto Gonçalves... e parece, ao que se diz, que a reeleição do pangudo e nullo sacerdos magnus encontrava até o apoio do futuro presidente da Republica... mas o pobre monsenhor, não sabemos por que intriga, ficou na bagagem. Coitado do homem, acostumado ha nove annos aos 75 ferros diarios. Mas em compensação o elevaço ao grau de presidente do congresso estadual; deputado já o é. Compensação magra, porém... para um padre tão gordo.

O anno findo nada de importante nos deixou... Até o presidente do estado acabou de ser festeiro do Espirito Santo!...

E as novidades do anno que vem, anunciam-se as mesmas... do outro. Esta é terra de tranquillidade. Só o joguinho e que se acha na ponta. E' a unica industria estadoal que prospera...

E entre o jogo e os impostos o Paraná, está como Cristo no calvario, entre dois ladrões... ren-

dendo a alma... a quem? Talvez aos bancos franceses.

Aqui a *Terra livre* foi bem aceita e da sua difusão esperamos bons frutos... o primeiro dos quaes deveria ser o de acordar os libertarios da terra...

Curitiba 12 — 1 — 906.

Frei Caneca

Ao presidente Machado

O sr. Pinto Machado persiste em se considerar atrozmente insultado: nos nossos artigos não descobre senão «o insulto soez, covarde e infame». Ideias que discutir, nenhuma. Elle admira os livros dos «sublimes mestres Reclus, Kropotkine e outros», mas só os livros, como toda a gente... Quando se trata de exemplificar, de empregar as suas ideias como criterio na apreciação dos factos e dos actos individuaes—faz-se questão pessoal!

Elle quereria, o inefavel presidente, que nós fizéssemos crítica abstracta, puramente literaria, ideal, de modo que ninguém se sentisse aludido ou que se pensasse que a coisa era com o vizinho... Quereria que fossemos buscar os factos á Lua ou a Marte, pedindo para isso informações a Flammarion.

Queremos referir-nos a actos presidenciaes, criticar uma função inutil exercida por um tal dentro de certa sociedade, os actos publicos dum propagandista, dum politico? Fazemos questão pessoal!

Para criticar o presidente Machado deveriamos, diz elle, conhecê-lo pessoalmente. De modo que, se quiséssemos, exemplificando com um acto publico, inerente ao cargo, do presidente da Republica, criticar a propria função governamental, deveriamos pedir que nos apresentassem ao sr. Rodrigues Alves, jantar com elle algumas vezes, subir com elle a Petropolis, dar-lhe, em confiança, duas palmadinhas no ventre e estudar o seu modo de viver íntimo... O sr. Machado, presidente pago duma associação operaria, redactor dum jornal, vice-presidente dum partido politico, com tantos titulos como um socio de academia, acha que não temos elementos suficientes de crítica nos estatutos da sua associação, no seu jornal, nas curiosas entrevistas que os diarios publicam, nos seus actos publicos. Quer facilitar-nos a tarefa: apresenta-se, desdobra os seus titulos, as suas virtudes, os seus sacrificios, revela-nos a sua vida familiar, toda íntima. Que se sacrificou, que tem a companheira doente, etc. Lamentamo-lo, nas suas desgraças privadas; e quanto aos sacrificios — embora nos repugnem essas exhibições de serviços—admitimos de boamente a sua sinceridade; nós admitimos até sistematicamente, nas nossas críticas, a boa fé em todos. Como não fazemos, na verdade, questões pessoaes, não precisamos de supor a má fé em ninguém. Mas a boa fé não destroi o erro, não impede a nocividade dum acto ou dum função—e esta é que nós estamos em vias de criticar, sr. presidente...

O nosso bom presidente comprehendendo tão pouco o que seja «questão pessoal», que se contradiz a cada passo. Diz que o insultamos e todo elle respira a ofensa, a insinuação, a falsa suposição; insulta, sem conhecer o insultado: vai «conhecer o Magrassi para continuar!» Diz que fazemos questão pessoal, e é elle que a faz constantemente, insultando sem responder aos argumentos, falando da sua vida íntima, fazendo do seu jornal — operario! — um *carpet mondain*, cheio de parabens, pesames, cumprimentos, biografias hiperbolicas e retratos!

Entre as suas suposições ousadas, diz, por exemplo, que a nossa primeira correspondencia foi escrita por U. Martins e apenas firmada por Magrassi. E porquê? Porque o segundo não seria capaz de escrever naquelle português regular! Teria outra hipotese mais razoavel — e seria a verdadeira — que a correspondencia do Magrassi foi nesta redacção

expurgada dos italianismos que trazia. Depois vai mais longe: parece supor que é Ulisses Martins o autor do artigo *Tsar em miniatura*. O artigo é nosso: do comp. Martins nunca recebemos uma só palavra, que nos lembre. Não é um artigo anonimo: é da redacção, da qual apparecem dois nomes logo na primeira columna do jornal. Os nomes são desnecessarios para esta discussão; mas se queres o terceiro, que falta, será servido, caro presidente.

O nosso jornal foi fundado especialmente para combater os metodos viciosos da organização e movimento operario no Brasil, e já tinhamos pensado em certos presidentes e correlativas mistificações, quando nos chegou, a proposito, a carta do Magrassi, á qual cortamos uma boa parte por absoluta falta de espaço, respeitando, porém, integralmente a parte que se refere ao sr. Machado. Razão tem para nos detestar, sr. presidente: deteste-nos!

E continuaremos. Falaremos serenamente sobre a União Operaria, o Partido Operario Independente, a função de presidente, as funções pagas, a idolatria, etc. Entretanto, o sr. Machado póde entreter-se com artigos nossos, como os dois primeiros de hoje. Se quer discutir ideias, acompanha-lo-emos; se continúa nos insultos, encolheremos os hombros simplesmente.

Para acabar, duas perguntas:

I. O sr. Machado diz que o operario quer coisas praticas — e faz este muitissimo bem. Mas... quaes são as coisas praticas que o sr. Machado acha que elle deve proseguir? E o sr. Machado já realizou algumas? quaes?

II. O sr. presidente repete a cada momento que é operario e chama desorganizadores aos nossos camaradas. Que officio exerce actualmente o sr. Machado? Está organizada a sua corporação? O sr. Machado faz parte de tal sociedade?

São perguntas concretas, que se prestam muito bem a uma resposta clara e á discussão. Vamos a isso, sr. Pinto Machado.

OPERARIOS! lêde o interessante livro de ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução * * *

*** * * * e Ideal Anarquista**

Volume de 152 páginas pelo preço de 1\$000

OS COMPANHEIROS que, para propaganda, desejarem adquirir um numero regular de exemplares, terão um abatimento razoavel: 10 ex. 10%; 20, 20%; 30, 30%; 40, 40%; 50 ou mais, 50 por cento. Apenas esgotado este livro, emprenderemos a publicação de outro.

Congresso Operario

No 2.º numero do *Novo Rumo*, lemos a seguinte noticia:

«A «Federação Operaria Regional Brasileira» resolveu officiar a todas as associações operarias, com caracter puramente economico, para que nomeiem comissões para uma reunião no dia 4 de fevereiro proximo, afim de resolverem sobre a iniciativa de um «Congresso Operario Nacional», que a referida Federação julga imprescindível para a boa mercha do movimento operario no Brasil.

Desejamos que tal iniciativa seja levada a efeito para que possa existir a verdadeira solidariedade entre todos os trabalhadores do Brasil, que só assim a poderão tornar efectiva para com os trabalhadores do mundo inteiro.»

Algun proveito se poderá tirar da realização desse congresso e desejariamos que fosse levado a cabo da melhor forma possivel. Mas parece-nos que a data de 4 fevereiro para a reunião preparatoria é demasiadamente proxima.

Salvo se o convite foi unicamente feito ás associações do Rio, o que é possivel, pois que não nos consta que as sociedades de resistencia de S. Paulo recebessem o officio a que se referem os camaradas do *Novo Rumo*.

Aos operarios em pedreiras no Rio

Esta corporação de officio está, no Rio, dividida em duas associações — o que é grandemente nocivo aos interesses de classe. Desta divisão nascem facilmente rivalidades que se agravam pouco a pouco. Por simples questões podem mesmo alguns operarios saír duma associação para a outra, afim de nesta intrigarem contra a primeira.

Felismante, parece que os animos estão dispostos ao congraçamento, facto com que nos regozijamos sinceramente. O Congresso, orgam duma das sociedades publicou em seu numero 20 um artigo muito sencato, "Pelo operariado", fazendo considerações justas sobre o "Centro das Classes Operarias" e a "Uião O. do E. de Dentro" e mostrando que tem noções verdadeiras da organização de classe. As mesmas boas disposições apparecem no n. 21.

Por sua parte, a outra sociedade não parece repudiar a fusão, como resulta dum artigo publicado no n.º 2 do *Novo Rumo* e duma carta que recebemo do seu secretario.

Pois bem! E' necessario aproveitar o ensejo para a realização dos desejos de todos. Em frente da necessidade urgente de estreitar a solidariedade operaria, em torno dos interesses economicos, todos devem pôr de parte os pequenos ressentimentos e trabalhar para a extinção das discordias.

As duas sociedades, unindo-se num só sindicato, poderiam aproveitar a experiencia adquirida, ao lançarem de comum accoordo as bases da nova organização, simplificando tambem o pacto eocial.

A este proposito, permitimo-nos chamar a atedção dos companheiros a quem nos dirigimos para as considerações que fazemos sobre a *fundação do sindicato*, noutra logar do nosso jornal.

Se nellas acharem alguma coisa de aproveitavel, muito folgaremos.

Entretanto, terminamos incitando a aquellos nossos companheiros á união e á solidariedade.

Federação Operaria DE S. PAULO

Aos operarios e ao publico

O momento de actividade politica que atravessámos nos ultimos dias e o manifesto que em tal occasião publicaram alguns operarios eleitores tornaram necessaria por parte desta Federação uma declaração de principios que possa desfazer qualquer equivoco e impedir que a nossa acção seja, intencionalmente ou não, mal interpretada.

O manifesto lançado á classe operaria de S. Paulo emanou exclusivamente de certo numero de operarios organizados que assim procederam independentemente e fóra da sua associação de classe.

As sociedades operarias federadas, obedecendo ao programma da Federação Operaria de S. Paulo não intervieram no debate eleitoral ultimo nem intervirão em nenhuma questão de politica elitral porque isso estaria em contradicção com os metodos de luta que esta Federação aceitou e põe em pratica.

Organizados sobre o terreno da resistencia economica — os operarios de S. Paulo adoptaram para resolver todas as questões que venham, directamente ou não, lesar os seus interesses economicos e moraes um metodo de acção que lhes permita a intervenção directa na questão e que não está vinculado a nenhuma escola, tendencia ou partido politico.

Sabemos muito bem como as lutas politicas, não offerecendo á classe operaria nenhum beneficio palpavel, são sempre causa de discordias e divergencias que podem comprometter a união e a solidariedade do elemento operario;

sabemos que as luctas politicas partidarias arrastam a classe proletaria para um terreno esteril, absorvem as suas melhores energias, tirando-as á acção san e justa da luta de classe; sabemos que a consciencia e a solidariedade são para os trabalhadores elementos mais do que sufficientes para poderem exercer largamente e victoriosamente a sua actividade em qualquer iniciativa; e é por isso que, educados pela experiencia, nos dedicamos a um trabalho educativo da consciencia proletaria, ao estímulo da solidariedade de classe.

Portanto, as organizações adherentes á *Federação Operaria de S. Paulo*, deixando embora os respectivos associados livres de manifestar fóra dellas as suas vistas politicas proprias e de agir em conformidade com um methodo politico partidario, nunca intervirão directamente nas luctas politicas locaes.

As sociedades adherentes á *Federação. — União dos Chapeleiros — Liga dos Trabalhadores em Madeira — Liga dos Pedreiros e Annexos — União Internacional dos Sapateiros — Sindicato dos Trabalhadores em Marmore.*

Dentro das associações

Federação Operaria de São Paulo

Quando a União dos Chapeleiros tomou a iniciativa de fundar uma Federação, travou-se sobre a sua oportunidade uma interessante polemica, no *Avanti!* e no *Jornal Operario*, entre varios trabalhadores. Os factos vieram demonstrar que não era cedo, mas tarde, para a fundação necessaria.

A comissão executiva provisoria pôs logo mãos á obra, compilando uns estatutos que foram aprovados em assembleia geral de todas as classes, e publicando um manifesto que causou boa impressão entre a classe operaria.

A Federação tomou parte em várias iniciativas, como a fundação da *Liga Operaria de Campinas*, do *Sindicato dos Trabalhadores em Marmore*, e do *Sindicato dos Trabalhadores Bfaiates*, procurando agora fundar a *liga dos funileiros, encanadores e gazistas*.

Querendo prestar o seu concurso á causa da libertação de Longaretti, trabalhador offendido na sua liberdade e no seu direito de legitima defesa, a comissão promoveu uma reunião na qual tomou parte um membro em actividade da *Comissão Pró Longaretti*. Tomaram-se varias resoluções, e constanos que esta questão será de novo ventilada em proxima reunião.

A instalação da *Federação* é agora melhor. Reunidas as sociedades num só local, no centro da cidade, com sala de leitura, um bom ponto de reunião, a frequencia aumentou sensivelmente, fazendo-se mesmo notar já a necessidade d'outro local mais vasto.

A respeito da realização de dois congressos operarios no Rio tomaram-se as necessarias decições. Quanto ao congresso promovido pela *União Operaria do Engenho de Dentro*, numerosa associação de que é presidente o sr. Pinto Machado, que ali faz e desfaz graças á boa fé dos socios, foi resolvido pôr de sobreaviso as associações de fóra e escrever á citada *União*, protestando contra a vergonhosa exclusão de operarios, por questão de ideias. Quanto ao que é promovido pela *Federação Operaria Regional Brasileira*, ficou assente pedir a essa Federação o adiamento da reunião preparatoria, para a ella poderem concorrer as associações de fóra do Rio.

A *Federação*, mesmo sem recursos, tem feito alguma coisa, mas nada em comparação do muito que tem que fazer. Que não descansa, lembrando-se de que vale mais ainda a actividade do que o numero.

Sindicato dos Trabalhadores em Marmore

Os operarios marmoristas duma officina, pretendendo uma redução de horas, estavam em negociações com o patrão, e este, como é costume entre a sua raça, disse que acedia, contanto que os demais fizessem o mesmo.

Realizou-se então uma reunião, e foi della que saíu o sindicato operario, bem como uma comissão encarregada de tratar a questão das 8 horas com os patrões, os quaes se reuniram duas vezes, não conseguindo por falta de numero...

Na ultima reunião do sindicato, já definitivamente constituído, foi lida uma carta do proprietario que prometeu as 8 horas, *sub conditione*, propondo, em lugar desse melhoramento, um aumento de 50 reis por hora. Depois de animada discussão, foi tal proposta rejeitada unanimemente, deliberando a assembleia fazer uma activa e constante propaganda para, em occasião oportuna, conquistar as 8 horas.

E' bastante prometedor o modo como estes operarios começam a reivindicação de melhoramentos. O mais importante é hoje a redução de horas de trabalho, isto é, a diminuição da produção individual, o aumento do repouso e do consumo; os outros, em geral, são consequencias deste.

Estes operarios tiveram ensejo de verificar que não é com facilidade que os proprietarios concedem uma melhoria qualquer em nossas condições. E' preciso lutar sem tregua não só para obter a emancipação integral, mas até para arrancar o mais insignificante melhoramento, porque, se alguma coisa vale, redundando em prejuizo dos capitalistas.

Recebemos e publicamos:

Companheiros,

Saude.

Fazei o favor de inserir o seguinte para que *chegue ao conhecimento de todos*.

O governador civil de Barcelona prohibiu a publicação do n.º 3 de *El Nuevo-Malthusiano*, periodico que se edita nesta cidade em substituição da revista *¡Salud y Fuerza!* tambem suspensa judicialmente. Os companheiros que esperavam este n.º 3 de *El Nuevo-Malthusiano* deverão esperar que se restabeleçam em Barcelona as garantias constitucionaes para se inteirarem do que lhes convinha saber.

A Redacção de *El Nuevo-Malthusiano* não amordaçada pela censura, envia uma saudação a todos os periodicos que a favorecem com a permuta e pede que a desculpem se, por motivos de força maior, não recebem o seu jornal.

Entretanto, os editores de *El Nuevo-Malthusiano* estão dispostos a continuar a sua campanha, apesar dos processos, denuncias e apreensões, se os companheiros os ajudarem materialmente nas despesas do jornal.

Roga-se a reprodução na imprensa do Brasil.

Desejamos-vos saude e pronta emancipação.

Pela redacção, LUIS BULFFI

Barcelona, 31-12-905.

Festa Libertaria

Sabbato 17 Febbraio 1906, alle ore 8 1/2 pom. Nel Salone «Lyra» — *Largo do Paysandú n. 20* Il Gruppo Filodrammatico Libertario darà un trattenimento famigliare col dramma sociale di Tito Carmiglia:

SANGUE FECONDO

Monologo di S. V. Mazzoni

Farà seguito la brillante farsa: *La sposa e la cavalla*.

Dopo lo spettacolo ballo famigliare.

N. B. — Col ricavato netto di questa festa il Gruppo pubblicherà un opuscolo di propaganda.

CAIXA DO CORREIO

Rio — Almeida. Quanto ao dinheiro, deve ser verdadeira a tua suposição. Manda em vale postal. Temos recebido os diarios. Saude. — Vasques. Foram os folhetos pedidos, no valor de 4\$000. — C. Dias. Podes distribuir gratis os folhetos ou entrega-los aos comp. de «Novo Rumo». Moscoso está bem. Saude.

Santos — Nilo e Fernandes. Não temos o livro de Silva Mendes. Se querem, pede se para Portugal. Trabalhem ahi com vigor... Saude.

Piracicaba — Yeres. Não desanimar! Estamos no principio; é preciso ter tenacidade.

S. Paulo — Marcus. E' nossa resolução não publicar versos. O espaço é bem restricto.

Parahyba do Sul — A. C. Por causa disso, não deixaremos de enviar o jornal.

Itapetininga — E. Z. Recebemos; os endereços serão mandados os jornaes. Vê se podes fazer a cobrança. Saude.

Salto — Alves. Nada recebemos. Saude.

Porto Alegre — G. V. e P. Santos. Não sabemos como essa falta se dá; a expedição é feita pontualmente, e com cuidado especial, em vista das reclamações. Podem fazer a venda como acharem melhor. Saudações.

Lisboa — Algum camarada saberá dizer-nos se ainda existe o jornal *A Obra*?

AOS COMPANHEIROS

Este numero da Terra livre devia ter saído ha duas semanas; mas a falta de dinheiro — sempre de prever nos começos duma publicação como a nossa — e ainda outras circunstancias ocsionaram o atraso.

Não estamos descontentes com o apoio já obtido, pelo contrario; mas é preciso não nos abandonarmos á confiança, devemos trabalhar constantemente para que não venham dificuldades materiaes embaraçar e entorpecer a obra de propaganda.

Mas não basta: urge um redobrar de esforços para alcançar a publicação semanal da TERRA LIVRE, que é de extrema necessidade no momento presente. Além das razões que todos conhecem, exporemos mais tarde os motivos de ordem geral que nos forçam a maior desinvolvimento de actividade.

Aos camaradas, aos simpatizantes, aos amigos sinceros de Terra livre, fazemos notar que devem sobretudo atender á SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA, porque a assinatura é mais para os estranhos, para os curiosos, do que para os camarades que desejam colaborar eficazmente na nossa obra.

REUNIÃO

Todos os que fazem parte do grupo iniciador da TERRA LIVRE, bem como todos os que se encontram de accordo com a nossa propaganda, são convidados para uma reunião que se effectuará em nossa séde, na proxima segunda-feira, 12 do corrente, ás 7 horas da noite.

Trata-se de procurar os meios de assegurar a publicação regular de TERRA LIVRE.

FALTA DE ESPAÇO

De novo a braços com a falta de espaço, maior ainda. Como dissemos, ha um remedio, embora não radical: é publicar semanalmente a Terra livre. Só assim poderemos em parte fazer face ás necessidades actuaes da propaganda.

Urge fazer um esforço em tal sentido.

Munições para o periodico

SUBSCRIÇÃO VOLUNTARIA (n. 2)

Lista de Batini: J. Batini, 5. P. Ricci, 2. F. Borghesi, 1. D. Rosseti, 500. F. Battesini, 1. A. Ghetti 2. Total, 11.500. Dos quaes foram publicados 10\$ no n.º 2. Resto	1\$500
Lista de P. Marsicani. (Cravinho). Marsicani, 1.800. F. Rossini, 500. L. Albieri, 500. C. Gimierate, 500. N. Tonelli, 500. E. Alvarez, 500. A. Morgadetti, 500. G. Perobelli, 500. A. Ostieta, 500. G. Laprechate, 500. E. Rebarbero, 500. Total, 6.800, menos as despesas do correio . . .	6\$000
Lista de A. Lopes. (Piracicaba). Varios companheiros	5\$000
Lista de F. Rios. (Campinas). S. Echenique, 1. J. Gonzalez, 2. B. Garrido, 2. M. Rodrigues, 2. J. M. 1. L. Rozales, 2. F. Rios, 2.	12\$000
Lista de Casal. (Santos). Um oprimido, 1. Germinal, 500. Rebelde, 500. B. H., 1.500. M. F. 1.500. M. G. 1.	6\$000
Lista de A. Rodrigues. (Agudos). B. J. Cotta, 5. A. Rodrigues, 5. P. Cordeiro, 2. Voluntario, 2. M. Rodrigues, 2. P. Brando, 2.	18\$000
Lista de A. Escaño. (Sorocaba). Duarte, 1. P. Muñon, 1. E. Gonçalves, 1. C. Regles, 1. C. Mesias, 1. A. Gomes, 1. J. Sanches, 1.500. J. Moraes, 1. A. Marques, 2. J. Garcia, 2. J. Caro, 1. J. Garrido, 1. M. Pelegrini, 1. A. Prado, 1. J. Victorino, 1. F. Rodrigues, 1.500. R. Cavalleri, 1. J. Alves, 1. J. Mordeno, 1. V. Decavia, 1. A. Fernandes, 1. J. Postigo, 1. A. Escaño, 1.	26\$000
Lista de Lois (Rio): A. B. Lois, 2; S. Solha, 2; J. Cordeiro, 2; S. Cortizo, 2; M. Cortizo, 2; V. Cortizo, 2; M. Froiz, 2; J. Soval, 2;	16\$000
M. D. Almeida (Rio),	6\$500
De Santa Rita	1\$000
Lista da Redacção: A. Gallo, 1; Telles, 1; Romero, 1; Baptista S. 1; Nascimento, 1; Piccolo G. 500; Edgard, 5; Miranda, 2; Companhia, 2; Antonio e Pedro, 2;	16\$500
Lista de Garcia: G. Perasini, 2. J. Batini, 2. Fco. José, 1. F. Norberto, 1. J. Dadio, 1. A. do Nascimento, 2. F. de O. Gomes, 2. C. Chela, 1. J. Carrara, 2. A. Alves, 1.400. P. S., 2. Garcia, 5. Viaggiani (Barbacena).	22\$400
	2\$000

ASSINATURAS

<i>Annuaes.</i> — De S. Paulo: Dr. T. da S. — De Tomb: J. B. M. — De Santos: M. A. M. (Lista de Scalas). — Do Votorantim: J. G. — De Campinas: M. J. B. (Lista de Rios)	20\$000
<i>Semestraes.</i> — De S. Paulo: A. N., A. F. — Do Rio: A. da C. B. — De Santos (Lista de Scalas): A. da S., J. J. da S. J. L., M. Q. — De Campinas (Lista de Rios): E. G., R. D., J. S., A. D. — De Capim Fino: F. U.	24\$000
<i>Trimestraes.</i> — De S. Paulo: F. D. da R. A. da R. R., L. B., P. C., B. F. — De Campinas (Lista de Rios): A. R., A. M.	7\$000
	189\$900

SAÍDAS (n. 2)

Tipografia	50\$000
Impressão e papel (3.000 ex.)	30\$000
Correio, correspondencia	16\$100
Gomma	\$500
Deficit do n. 1	50\$700

Total	147\$300
Entradas	189\$900

Saldo (1) 42\$600

(1) Notem os nossos amigos que estão em curso as despesas do numero presente e que, portanto, não ha verdadeiramente um saldo, antes pelo contrario.